

Teo Lite rária

Arquivo recebido em
25 de abril de 2011
e aprovado em
30 de junho de 2011

V. 1 - N. 1 -
1º Semestre de 2011

* Atual Presidente da Associação Latino America de Literatura e Teologia (ALALITE), Doutora em Linguística pela Universidade de Málaga (1976), em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986), com pós-doutorado em Leitura pela Universidade de Colônia (1991). Atualmente é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora visitante em diversas universidades brasileiras e do exterior. Tem experiência na área de educação, políticas públicas, administração cultural e teologia, atuando principalmente na linha de formação de leitores em perspectiva interdisciplinar. Criou para a Biblioteca Nacional, o Programa Nacional de leitura (Proler) é assessora do Cerlalc/Unesco e comparte a direção da Cátedra Unesco de Leitura no Brasil.

DOI - 10.19143/2236-9937.2011v1n1p29-44

Dimensões da Fé na Poesia Modernista Brasileira **

Dimensions of the
Faith in Brazilian Modernist Poetry

*Eliana Yunes**

Resumo

A Poesia Modernista Brasileira tem recepções estéticas diferentes no que diz respeito à dimensão da fé como experiência humana do sagrado. O presente trabalho pretende mostrar ao menos suas grandes tendências presente em diferentes poéticas, como confessional, não-confessional e agnóstica desenvolvidas em percepções diferentes de um mesmo mistério.

Palavras-chave: Teologia e Literatura; Poesia Modernista Brasileira; Recepção Estética.

Abstract

The Brazilian Modernist Poetry has different aesthetic receptions about the faith dimension like a human experience of the sacred. This work introduce at least their mains trends present in different poetics, as confessional, non-confessional and agnostic developed in distinct perceptions of the same mystery.

Keywords: Theology and Literature; Poetry Brazilian Modernist; Reception Aesthetics.

** O texto originalmente foi apresentado no **Tercer Coloquio Latinoamericano de Literatura y Teologia da ALALITE — Mirada desde el Bicentenario — Imaginarios, figuras y poéticas**. Buenos Aires, 12 a 14 de octubre del 2010.

A crise metodológica das ciências no século XIX impôs a verticalização da pesquisa e a especialização como recurso ao compromisso de desvendamento total do mundo pela ciência iluminista, certa de que estava à beira de ter as chaves do conhecimento já enciclopédico.

O século XX descobriu com a física quântica que o mundo estava por descobrir, mais próximo do mistério insondável do poético e da arte em suas intuições e mundos paralelos. Esta revolução atingiu em cheio o método cartesiano que fundara os procedimentos na modernidade. Não que a razão devesse ser descartada, mas outras percepções do saber retornaram à cena. Nas fronteiras do século XXI, assistimos um movimento de caráter transdisciplinar, fortalecido pelo descortino da complexidade, já que a simplicidade buscada anteriormente se confundira com o reducionismo e a sacralização de modelos, logo entrevistados como provisórios.

É neste horizonte que se vem alcançando a ampliação dos focos e a articulação dos ângulos no trato de questões que oferecem muitas interfaces, admitindo-se a multidisciplinaridade das abordagens. Ou fazendo avançar o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, através de uma prática interdisciplinar. O trabalho não é fácil, nem pode ser superficial. Envolve aspectos epistemológicos, metodológicos e teóricos de grande riqueza e desafio.

Acrescente-se a isto, o fato de que a polarização sujeito/objeto, consagrada por séculos, caiu por terra com a visão da psicanálise e da filosofia sobre o próprio homem. Se o conhecimento se produz em “um lugar-entre”, se a experiência transtorna o experimento, as variáveis e nossas circunstâncias compõem também os resultados a que chegamos. De Bakhtin e Benjamim a Foucault, Freud e Deleuze, para citar pilares, o universo de sentido revelou-se deslizando, o que por um lado valoriza cada homem/todos os homens, por outro retorna a exatidão e o absoluto para o domínio da divindade e os retira do homem. Quanto mais sabemos, mais sabemos que sabemos pouco e a humildade, virtude tão sofrida no mundo intelectual é uma exigência de base: escuta,

tolerância, diálogo, atos que nos fazem entrever o rosto do Senhor de todas as coisas que as partilhou conosco. Conversa de fé? Também. O mistério se alarga, evidentemente, quanto mais a ciência avança. Não seríamos deuses, mesmo que Ele não estivesse aqui. Um Deus criaria sempre, fonte de vida e sabedoria e nossas invenções confundem criar e destruir.

Esta convicção tem levado pesquisadores a se reunirem para pensar, trocar, aprender, colaborar, em grupos de estudo que se caracterizam por uma busca em comum a partir de diferentes campos do saber. Unir seus métodos, ou melhor, construí-los a quatro mãos, é um exercício em que se vêem empenhando teólogos e críticos de literatura, motivados mais ainda pelo fato de que a palavra sagrada, e não apenas a judaico-cristã, se funda sobre imagens e ritmos poéticos, aberta à pluralidade de sentidos, ao deslocamento espaço-temporal, ao diálogo vivo com a cultura. Não haveria melhor motivação para empreender esta (a)ventura, só comparável à viagem no mar através da contemplação das estrelas, e à viagem pelas estrelas através do cálculo e intuição — olhar - humanos, da Terra.

Tratando-se de apresentar os estudos da palavra, no horizonte da interdisciplinaridade, aproximam-se com bastante evidência os discursos da espiritualidade e da arte, especialmente o da mística e o da poesia. Ambos lidam com o limite da palavra para expressar o impronunciável, a experiência que tangencia o absoluto e a plenitude, que tanto a dor quanto a alegria podem fomentar. Mais além disto, na ordem das produções discursivas, a teologia e a literatura procuram apresentar-se com áreas do saber, de rigor e base teórico-metodológica próprios, mas aqui aproximados como caminho para o diálogo interdisciplinar, já que a intertextualidade entre elas tem sido freqüente nos estudos da ficção.

Entre a poesia e a dimensão espiritual, religiosa que aporta a teologia há afinidades já apontadas anteriormente. Na origem de ambas, está o fenômeno da inspiração. Sob sua égide, poetas e profetas têm manifestado a força das musas e do Espírito Santo.

Em outro lugar já dissemos que se a teologia se desenvolve sobre a escrita sagrada, a literatura consagra a escrita como registro da experiência humana

que se dirige a todo homem. Paul Ricoeur nos diz algo sobre esta via de mão dupla, ao refletir sobre a nomeação de Deus que acontece sempre no seio de um pressuposto: nomear Deus é realizar o que já teve lugar nos textos que o pressuposto de minha escuta tem proferido. Ele não está colocando os textos acima da vida ou da experiência religiosa, mas diz que as experiências humanas são em alguns momentos sinônimas do que se chama fé e, portanto têm o que dizer à teologia. Aquela não se deixa reduzir a nenhuma escritura, mas é numa linguagem que a experiência da fé se articula. Esta textualidade se torna materialmente falando na expressão que precede a vivência. Como a escritura se torna narrativa e esta narrativa não representa nem equivale à experiência em si, o discurso das sagradas escrituras tende a uma hermenêutica que não está no fato, mas no seu deslocamento o que promove uma expressão poética e mística da vivência.

Um texto é em primeiro lugar, um elo numa corrente interpretativa. Em princípio uma experiência de vida é levada à linguagem, se transforma em discurso; depois o discurso se diferencia em palavra e escritura uma vez que esta é restituída à palavra viva por meios dos diversos atos do discurso que reatualizam o texto. O texto se torna, deste ponto de vista como uma partitura musical que pode ser executada diferentemente pelos intérpretes. Alguns críticos reagindo contra os excessos do texto-em-si, chegam até a afirmar que é o leitor-no-texto quem completa o sentido, preenchendo as inevitáveis lacunas, decidindo sobre as ambigüidades ou até alterando a ordem argumentativa. Na estética da recepção, esta teoria dos efeitos se apresenta na perspectiva antropológica como uma suplementação de sentido que não se esgota jamais em face dos novos contextos de atualização.

Na teologia, a antropologia ocupa um lugar central, não apenas porque ela é feita pelos homens e para os homens, mas também porque a humanidade pode iluminar e esclarecer para si mesma o caminho e a compreensão da revelação de Deus, embora não a esgote. Se Deus se revela aos seres humanos ele o faz através do humano na pessoa de Jesus Cristo, que por sua vez revela o Ser de Deus. O antropocentrismo da literatura se religa então ao antropocentrismo da teologia, porque ambas se dirigem ao ser humano. E ambas, a teologia e a lite-

ratura, na arte de escrever que “imita” a vida para reconstruí-la e transformá-la, encontram sua fonte de inspiração no mais/magis cujo segredo se não se desvenda por completo, mas se renova continuamente pela palavra que não adere às realidades, mas persegue o real absoluto.

Lembremos aqui ainda, que o escritor, o poeta, o profeta, antes de sua escrita autoral, “inspiram-se” no que vivem e lêem-no para poder configurá-lo sob uma linguagem nova que de novo re-apresenta como novas “realidades”.

Esta é a proposta do presente artigo: refletirmos sobre a poesia no âmbito da modernidade, ou seja, a poesia modernista, que atingiu um apogeu no tocante ao distanciamento do religioso onipresente em séculos anteriores. A poesia modernista brasileira de fato, não aborda de maneira unívoca as relações tão reconhecidamente próximas entre poesia e mistério no tocante ao indizível.

Há pelo menos três vertentes aparecem com suficiente distinção no modernismo brasileiro, em se tratando da onipresente questão do homem frente ao mistério da vida: crendo ou não em um criador, nenhum desses autores elencados passam incólumes diante do soberbo espetáculo da existência.

No caso brasileiro, é possível distinguir posturas como as de Murilo Mendes e Adélia Prado cuja “confissão” de fé não tem véus; como as de Cecília Meireles e Mario de Andrade que tem espiritualidade e religiosidade implícitas; Carlos Drummond e Cabral de Melo Neto que vão do agnosticismo à declaração de ateísmo.

Logicamente nestas linhas poderíamos agregar outros nomes nobres da poesia brasileira, como os de Jorge de Lima, Vinicius de Moraes e Mario Quintana, ou os de Henriqueta Lisboa, Hilda Hilst e Ana Cristina César.

Examinemos brevemente estas poéticas que merecem análise mais detida para possíveis, porém insuspeitadas “revelações”.

O itinerário poético de Adélia vai da vida cotidiana, no exame das coisas simples, das tarefas domésticas de limpar, cozinhar, criar filhos até os limites da contemplação súbita do Deus que está em todas as coisas. No se trata de uma visão oriental e panteísta, mas uma compreensão franciscana do mundo, no

qual o amor de Deus possui a mais ínfima porção das criaturas.

Desde seu primeiro livro, **Bagagem**, a presença do divino percorre serena tudo à volta de seu olhar:

Te espero e não me canso,
Desde agora e para sempre,
Amado que virá por sua mão em mina cabeça, e inventar com
sua boca de verdade,
um nome para mim.

Uma senhora casada, dona de casa em uma cidade muito pequena no interior de Minas Gerais, Adelia Prado surpreende o rosto de Deus na simplicidade dos gestos cotidianos, transfigurados pela percepção da delicadeza:

Ensinamento

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café , deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Seu discurso poético promove a humanização de Deus, tal como fez Cristo, enquanto caminhava na história, aproximando o Amor das criaturas, de forma vital. Desta maneira, Adélia faz baixar pequenos sinais do paraíso, comunicando céu e terra:

Epifania

Sucedará uma destas coisas:
Ladra um cachorro
Chora ou grita um menino.
Esta aí no poema.

Para ela a poesia não apenas rima com profecia, mas ambas pertencem à mesma natureza que está em dizer o indizível:

Antes do nome

Antes do nome
Quem entende a linguagem, entende Deus
Cujo Filho é o Verbo.

Na poesia adeliana não há limpo ou sujo, coisas nobres ou mesquinhas, ela reconhece a mão do Senhor em tudo na vida sem exclusão de coisa alguma, como em ***Cacos para um Vitral***: “Deus não me fez da cintura para cima para o diabo fazer o resto. A entrega total da criação começa pela encarnação do Verbo”¹. Também se vê:

Saudação

Ave, carne florescida em Jesus
onde Deus fez o seu Amor inteligível.

Assim, os acontecimentos e seu dizer surpreendem como o mundo a uma criança. Com os olhos da infância vê e expressa um lado invisível das coisas:

Os Acontecimentos e os Dizeres

Eu tenho medo, é de dia;
De noite, não,
Porque está claro.

A mística de Adélia Prado é carnal e material, desvelando a graça da vida tanto nas dores como nas alegrias, criando outra vez a boa nova, o evangelho singelo como o das parábolas, que equipara poetisas e místicas:

O homem de mão seca

Assim são as poéticas, as místicas,
Tem hipérboles e êxtases
O brilho que a razão não opaca,
Gozo prometido aos simples de coração.

Adélia propõe como eu já havia indicado em artigo anterior, uma espiritualidade a partir do corpo, da matéria, porque aí justamente Deus salva e sua

1. Cf. ainda YUNES, Eliana. *Para gostar de Adélia (e de Jonathan)* In **Revista Magis de Fé e Cultura**, n. 46, set. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004, [s.p.].

voz poética espreita o não-dito, como indicava Otávio Paz sobre algo próprio do lirismo. Isto também a aproxima de George Bataille, sobre a experiência interior que funde corpo e alma sob a forma de um erotismo sem manchas, onde pelo contrário, pulsa a carne em desejos de consumir-se em Deus, como já o escutamos da boca de Tereza de Ávila e que pela pena de Adélia, soa íntegra esta condição carnal:

Deus não rejeita a obra de suas mãos

O corpo não tem desvãos
Só inocência e beleza
Tanto que Deus nos imita
E quer casar-se com sua Igreja
E declara que os peitos de sua amada
São como filhos gêmeos da gazela...

Por isso os romances de Adélia são uma jornada de auto-conhecimento para aproximar-se de Deus através de seu filho homem, sua única dimensão visível:

Gregoriano

um dia veremos a Deus com nossa carne
o espirito não é quem o sabe,
o é o mesmo corpo,
o ouvido,
o conduto lacrimal
o peito que aprende:
respirar é difícil

Assim Adélia promove uma tensão permanente entre o entrevisto e o visível em busca de serena comunhão.

Na mesma Minas Gerais de fortes reminiscências católicas, das igrejas barrocas e memórias de conventos e pregações, na urbana Juiz de Fora de grandes indústrias, a voz de Murilo Mendes ecoa ímpar, em cenário de cultura banhada de religiosidade.

Nas palavras de José Carlos Barcelos, a reflexão que começa a ser esboçada por Murilo ainda na juventude - leia-se **A idade do Serrote** - passa por uma perspectiva teológica defendida por Karl-Joseph Kuschel, pela qual na contem-

poraneidade, a busca de Deus como resposta para a existência, encerra uma pretensão explicativa e limitadora do papel divino, quando em verdade, mais bem o sentimos como a pergunta que não cala, diante dos horrores que a inteligência humana não deixa de perpetrar.

Antes é a inquietude que conclama e prepara mentes e corações para reconhecer a vívida presença de Deus entre os homens. É na própria crise do sentido da vida que Deus pode tomar corpo novo e ser reconhecido pelos homens. Como Jacó, lutando em meio a noite, ferido e marcado, troca inclusive de nome, ao avistar-se com um Deus que não quer perder sua criatura.

Murilo em livro excepcional, **O Discípulo de Emaús**, perfaz ele mesmo o caminho entre Jerusalém, de sua infância e Emaús, na maturidade. Trajeto em que rememora a fé, escuta de novo o avesso das aparências, surpreende-se com o cristianismo que lhe informara a memória e o reacende na vida. E assim como *O discípulo* que redescobre o Senhor em nova perspectiva parte em missão para converter Ismael Nery, pintor modernista e seu conterrâneo. Para ele somos todos homens de Emaús, distanciando-nos da insuportável derrota, entregue à resignação de que o mundo afinal seja mesmo o que é. Assim o mistério da vida é o mesmo que cerca a poesia, pois “Deus sempre se manifestou poeticamente”. Para Murilo, a poesia é “a prática dos deuses” e comenta que as tragédias gregas que ajudaram a Freud pensar na psicanálise, empalidecem diante do **Livro de Jó**. Alerta que “a leitura nos deve ler, tanto quanto ser lida” e clama pelo simples e pelo sublime que se tornaram ridículos para a modernidade, fazendo com que a poesia tenha perdido seu lugar na vida. Este livro se torna uma teologia de bolso, não pelo caráter aforístico, mas pela síntese que constrói, “escutando Cristo e rememorando-o no caminho de volta à comunidade perdida”: O homem é um ser futuro, profetiza: “Um dia seremos visíveis, porque o que é humano em Cristo será o divino no homem. “ Sua poesia é pois um anúncio poético e dramático da boa nova rapidamente esquecida da vida moderna².

2. YUNES, Eliana. *Teopoética. Saberes Cruzados* In **Murilo, Cecília e Drummond** 100 anos com Deus na poesia brasileira, p. 100- 122.

Em outra vertente se encontra Cecília Meireles, que através de melancolia constante faz de seu poema um esforço para escapar da fragilidade do mundo, da debilidade das coisas para alcançar o eterno, o permanente.

Contudo em seus versos que fazem menção ao texto bíblico, com frequência tem sombras e imagens de desprendimento ao gosto oriental que muito justamente admira em Tagore. Sua poesia é indubitavelmente espiritualizada e almeja a paz definitiva, o consolo que venha do Alto, e o mais alto que conhece é o Poema. Daí que seu diálogo com a Bíblia passe pelo Cântico dos Cânticos e que seus interlocutores cristãos sejam João da Cruz e Tereza de Ávila.

Longe de acatar o materialismo moderno, Cecília subliminarmente questiona a imperfeição da vida, clamando pelo inacessível que traria enfim consolo aos homens. Cecília procura o Absoluto que tanto está no budismo como no platonismo e lhe escapa como num “diálogo obscuro, continuado através de séculos impossíveis” 3.

Sua tradição é a dos sabem que o Espírito preside o conhecimento, mas o caminho até ele é feito de sombras o que se não inviabiliza a comunicação, transforma a vida em sondagem permanente da verdade que se esquiva. Nas palavras do crítico David Arrigucci, sua poesia tem a “obsessão do insondável” 4. Reconhece a filiação da poesia a este veio discursivo que tangencia o mistério, o impalpável: “Eu me pergunto se esta poesia, se esse mistério que nem o poeta explica não nos aproxima da religião em geral e até do Cristo em particular; [...] pergunto-se me não é de natureza sagrada esta indefinível chama que a Poesia dificilmente revela mas está destinada a conter”.

Já em seu leito de morte escreveu este poema que como uma chave de ouro dos sonetos fecha sua poesia completa com os versos:

Parusia

Morrerei sem assistir aquela chegada:
Quando os céus se abriam em feixes de luz
E a Presença descenderia do Misterio.
Quando nos sentiríamos alegres e felizes,

3. *Ibidem*, p. 126.

4. *Ibidem*, p. 126.

O coração como um ramo de flores
Os olhos com todas as constelações.
Não: a parusia ficou naquele livro dourado,
Com páginas tão lídas, tão viradas, tão gastas,
Com pequeníssimas orações nos cantos.
O livro que vivia entre teus dedos antigos.
Aí vi a Presença, a luz do Céu, a felicidade do mundo.
O resto aparece apenas em minha alma.

Cecília contempla o ordinário, sonda o extraordinário e usa a linguagem poética como aspiração a algo mais, sem contentar-se nunca com o resultado.

De forma bastante diversa, sem nenhum esforço de ascese, mais que espiritualidade, uma religiosidade multifacetada percorre a obra de Mario de Andrade, nas pesquisas sobre a cultura brasileiras levadas a cabo por conta de seu sonho de uma enciclopédia brasileira. Mario, menino de família paulistana de classe média burguesa, bebe na fonte as contradições do catolicismo de missa aos domingos e pouca justiça social.

Estudos sobre a crença na obra do autor, apontam segundo Adna de Paula, para a construção mesma dos conceitos de religião sagrado, religiosidade que ele desenvolve em sua obra poética. Ao longo da escrita é possível perceber um ecumenismo - *avant-la-lettre* - e uma assimilação antropofágica das crenças que recolhe das vivências de diferentes etnias que convivem na cultura nacional⁵.

Pouco a pouco se percebe que a densidade poética que ele alcança é acompanhada por maior maturidade no tocante à religiosidade, que vai num crescendo segundo a seleção de poemas paradigmáticos feita pela crítica Suzi Sperber: *Jorobabel*, *Domingo*, *Religião*, *Carnaval Carioca* e *A meditação sobre o Tietê* constituem os eixos de referência para tratar da religiosidade do poeta que instala em 1922 a *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo⁶.

Ao mesmo tempo que difusa, heterogênea e miscigenada, a crença no sobrenatural lhe chega não só das raízes familiares mas das pesquisas que em-

5. PAULA, Adna de. **Poesia e Alteridade: A Outra Margem Marioandradina**. Doutorado (Tese). Campinas :Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, 2005.

6. SPERBER, Suzie Frankl. A Identidade literária brasileira: uma petição de princípios In *Revista Remate de Males*, nº 14 [s.a.], pp. 153-159.

preende pelo país, em processo de inculturação permanente face aos missionários europeus em contato com as tradições espirituais de indígenas e negros. A preocupação de Mario com as expressões da religiosidade popular passavam, por certo pelo seu gosto pela etnografia e antropologia, mas uma verdadeira devoção de colecionador cercou a preservação de objetos rituais que passaram a ser perseguidos em dado momento.

Aspectos de sua religiosidade apontados por Andre Luiz Pires Leal Câmara⁷, confirmam um caráter religioso, até mesmo supersticioso em certas circunstâncias nas quais a mescla de aportes de diferentes práticas acabaram por reportá-lo à herança da religião trazida do berço sem maiores compromissos eclesiais.

Caminhamos por fim ao universo dos avessos a quaisquer expressões religiosas com direito a declarações de ateísmo, caso de João Cabral de Mello Neto. Duas peculiares envolvem a obra deste poeta de domínio completo do idioma, avesso ao romantismo e sensibilidades semânticas, tomado como cerebral, metonímico e conhecer exímio das formas e rimas sem ser passadista.

Escreve o mais celebrado Auto da Cultura brasileira erudita, com base na tradição dos cantos e contos populares, sem se render aos consentimentos do riso ou da ironia; antes em seu *Auto de Natal Pernambucano* faz uma comovente peregrinação sobre a miséria do homem nordestino que desemboca na esperança da vida nova que Morte e Vida Severina celebram no nascimento franzino de um menino cabloco.

O outro episódio, de caráter biográfico, extra sistema literário, foi relatado por sua viúva, a poeta Marli de Oliveira. Pressentindo subitamente a morte, após o café da manhã, o poeta descrente pediu-lhe que rezassem de mãos dadas um Pai-Nosso que ele imaginava não recordar.

O referido Auto, extremamente popular entre cultos e iniciados, foi inteiramente composto sobre linguagem, paisagem e circunstâncias efetivamente populares, constituindo-se em encenação de cada natal para toda uma população brasileira, renovada pelas mídias e novas tecnologias.

7. Na encruzilhada da Lopes Chaves: Encontros e descaminhos em Mário de Andrade. Doutorado (Tese) – Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio, 2004.

O longo poema faz uma profissão de fé na vida em meio a desesperança que cerca o homem da terra, o migrante expulso de suas tradições e de seus direitos. Musicado por Chico Buarque de Hollanda alcançou status de celebridade da obra do poeta mais sofisticado e hermético do modernismo.

Com Carlos Drummond de Andrade, aluno de jesuítas que acabou expulso do internato por escrever poemas nas aulas de matemática, contam os memorialistas, contornou a questão da religiosidade mineira investindo numa reflexão de ordem metafísica que acabaria por levá-lo a um agnosticismo mais lendário que assumido.

O poeta que acabou por consagrar Adélia Prado, com uma saudação nos jornais, mal terminara de ler o original de seu primeiro livro, entusiasmado com a força mística de seus versos, teve sua obra devassada pelo olhar de grandes críticos como Affonso Romano de Sant'Anna e mesmo por teopoéticos arrojadados.

Carlos Drummond lança seu primeiro livro, com o primeiro poema a nos contar que:

Poema de Sete Faces

Quando nasci,
Um anjo torto,
desses que vivem na sombra,
disse:Vai Carlos, ser "gauche na vida"!

Nesta abertura a idéia do torto, anjo torto, das sombras e da pouca luz ou nenhuma, o mandato para ser "gauche" colocam de saída o poeta à distancia das Luzes que prometem o paraíso.

Ao longo de sua obra reunida com quase mil poemas, Drummond avança sobre a sombra com um discurso metafísico que perscruta o mundo, sua máquina e seu sentimento, para constatar a aporia no meio dos homens.

Reservado, quase tímido, contemplava o mundo, contudo sem placidez, a partir de lentes bastante críticas, capazes de tirar o leitor de seu repouso. Sob este disfarce entre outros, o poetão, por oposição ao Vinicius de Moraes, poetinha, envereda por um longo caminho de observação da solidão, do medo,

da morte, do ser e do tempo, heideggerianamente, depois de haver saído das montanhas de Minas, para o mar carioca. Abriu seu olhar para o mundo e este já não cabia em si, como antes. Agora, poeta-pensador, ele não pode evitar o mergulho no "claro enigma" ou recusar o mistério: *Áporo* é uma das respostas sem saída. Quem é o homem? Perguntava o filósofo alemão e respondia: não saberemos nunca a não ser poetando! Foi assim com Drummond que chega às "Impurezas do Branco" para admitir a busca do sentido. Busca, mais do que achado, eis sua questão.

Sem qualquer confissão religiosa, escreveu a cada Natal um poema em que os valores do Deus-menino ficam frente a frente com a falta de valores no Homem: prazeres, mercado, poder, personalismo viram pó diante do renovado mistério.

Conclusão

A poesia brasileira modernista, no seu conjunto, expressa uma rebeldia de muitos tons e não se desvencilha senão de um catolicismo estreito, de um cristianismo diminuído não por perseguições, mas pela estreita prática e visão obtusa dos evangelhos.

Em panorama mais amplo com outros autores será talvez possível matizar ainda melhor as múltiplas vozes deste coro humano em busca do Ser, através da Poesia, em que Deus se deixa entrever. Mas é preciso olhar para alguns autores sem o anátema da excomunhão.

Alguns trabalhos teóricos começam a refletir sobre o caminho e tem aparecido tanto em regiões periféricas, quanto no que denominamos culturas híbridas. Os saberes, múltiplos, pedem audiência não mais especializada e autoreferente, mas carecem de outros olhares, de trocas, de afetos, no sentido original do termo. As disputas cedem lugar a uma necessária colaboração, se queremos alargar os horizontes de nossas experiências.

É o que vem sendo feito na Alalite, agregando pesquisadores de literatura e teologia, mas tomando empréstimos de outras áreas do conhecimento,

de diferentes instituições, em freqüentes iniciativas que fazem debruçarem-se sobre questões tópicas da linguagem, os olhares de psicanalistas, filósofos, escritores, críticos, artistas, antropólogos e teólogos, que diante da amplitude da tarefa, apenas começamos. As publicações assomam acena e novos parceiros surgem em diversos países.

O que vem se configurando como um diálogo promissor tem se constituindo, no entanto, em tarefa que cabe a muitos dar um estatuto de natureza exemplar, uma vez que o ponto de partida, a matéria-prima aqui é o Verbo: onde Deus e Homem se encontram. Estas práticas de pensar a literatura e a teologia à luz do verbo humano provoca repensar o Verbo divino, o sopro de Espírito sobre os mortais: Sua expiração é a nossa inspiração. A fisiologia humana e a Bíblia nos dizem que a palavra existe como produto da própria respiração - está ligada aos pulmões -, ar que inspiramos ao nascer e que, ao nos faltar, perecemos. A Bíblia nos conta que ele é o próprio espírito de Deus, soprado onde quer e que não sabemos de onde vem, nem para onde vai. Seja na perspectiva profana, seja na sagrada, o sopro divino sobre o homem seduz e arrebatada em demanda para romper as fronteiras do cognoscível pela razão pura ou pela pura intuição.

No artigo *Teologia y Espiritualidad* de Hans Urs von Balthasar⁸, aproxima da literatura "soprada" aos ouvidos do poeta, o sopro do Espírito na história humana, através da escuta dos profetas. Segundo Karl Rahner⁹, o ser humano é o ouvinte da Palavra que se transforma em escrita canônica pelo reconhecimento do autenticamente sacro, por ter sua fonte na inspiração divina manifesta em circunstâncias históricas de contradição.

Envio: 25 abr. 2011

Aceite: 30 jun. 2011

8. *Selecciones de Teologia*, 13 (1974) pg 142

9. *Theos en el Nuevo Testamento*, pp. 93-165.

Referencias bibliográficas:

- BARCELLOS, José Carlos. **Revista Gragoatá** nº 8/200 p. 113-128.
- MILES, Jack. **Deus, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Cristo uma crise na vida de Deus**. São Paulo: Schwarcz, 2002.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **Selecciones de Teologia**, 13 [s.e.], 1974.
- BATAILLE, G. **A experiência interior**. São Paulo, Ática 1992.
- MEIRELES, Cecília. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- MENDES, Murilo. *O discípulo de Emaús* In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MOLTMANN, J. El. **Dios Crucificado**. Salamanca: Sígueme, 1975.
- PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. **O gauche no Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- RAHNER, Karl. *Theos en el Nuevo Testamento* In: **Escritos de Teologia**. Madrid:Taurus, vol. IV, 1975, pp. 93-165.
- YUNES, Eliana e BINGEMER, Ma. Clara (org). **Mujeres de Palabra**. México:Buena Prensa, 2004.
- _____. **Murilo, Cecília e Drummond: com Deus em cem anos de poesia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Para gostar de Adélia (e de Jonathan)* In **Revista Magis de Fé e Cultura**, n. 46, set. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.